

INCURSÕES DE SOUSA DA SILVEIRA NA ROMANÍSTICA EM TORNO DE UM INÉDITO

Evanildo Bechara
UERJ

Os que estão acostumados à leitura dos textos preparados por Sousa da Silveira, ainda aqueles destinados a alunos da escola média, percebem neles a permanente preocupação de não apresentar os fatos da língua portuguesa desgarrados ou da fonte originária latina ou de suas irmãs românicas, em especial atenção ao galego, espanhol, francês e italiano.

O exaustivo estudo biobibliográfico que do nosso homenageado preparou Maximiano de Carvalho e Silva nos mostra Sousa da Silveira, no período em que permaneceu em Portugal, muito cedo atraído pela língua e pela literatura galegas, contacto proveitoso que surpreendemos em páginas de seus livros didáticos ou de pesquisas mais avançadas, comparando fatos gramaticais e léxicos desses idiomas.

Creemos que o contacto com o francês antigo – que nesta hora nos interessa mais de perto – lhe foi estimulado pela convivência intelectual com M. Said Ali, seu mestre de alemão no Colégio Pedro II e depois seu colega e amigo de magistério, unidos pelo interesse comum do melhor e mais aprofundado conhecimento da língua portuguesa. Reforçado depois este contacto pelas aulas a que assistiu, ministradas por Jean Bourciez e Georges Millardet na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, inaugurada em 1937.

As excelentes *Notas Soltas de Linguagem* dão-nos sobejos exemplos deste filão romanístico e, mais particularmente, desse permanente contacto com a língua francesa antiga. Um exemplo disto, entre outros, é a nota duplicada em que trata das expressões *levantar-se em pé* e *levantar-se assentado*, inserida na *Revista de Cultura*, anos de 1932 e 1933, parcialmente transcrita em *Estudos Camonianos*, p. 507-508, organizados pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva (MEC, 1974).

Depois de explicar a expressão que ocorre na est. 36 do c. I de *Os Lusíadas* “De entre os deuses [Marte] *em pé se levantava*” (*Notas Soltas*, IV, nº 13),

volta ao tema em VII, nº 26: Ainda “levantar-se em pé”, segunda parte da nota, não recolhida nos citados *Estudos Camonianos*:

A nota nº 13, publicada na *Revista de Cultura*, fascículo de outubro do ano passado, ocupou-se com a expressão corrente em português antigo “*levantar-se em pé*”.

Ali me referi ao seu uso em espanhol, e dos numerosos exemplos portugueses que conheço, transcrevi apenas um de Camões e alguns de Fernão Mendes Pinto.

Teve essa nota a felicidade de agradar ao meu mestre e amigo o Sr. Said Ali, que me comunicou não só mais dois exemplos em português, mas também outros dois em francês arcaico, que eu não conhecia.

Esta visão românica, tão presente nos melhores sintaticistas e filólogos brasileiros, infelizmente vai aos poucos desaparecendo na produção de uma pujante plêiade de estudiosos modernos, entre nós.

A aptidão de nosso homenageado para incursões no campo da Romanística explica a existência do texto inédito que agora damos à luz graças a um presente que havia muito nos foi ofertado por um dos mais queridos discípulos do mestre, o Prof. Jesus Bello Galvão. Acreditamos que seja esta a oportunidade de trazê-lo ao conhecimento de quantos apreciam a figura ímpar do autor das já clássicas *Lições de Português*, bem como daqueles que estimam os estudos lingüísticos.

Trata-se de breve comentário a pequeno texto do francês arcaico publicado pelo romanista alemão Karl Bartsch na sua prestimosa *Chrestomathie de l’Ancien Français*, Leipzig, 1927, pág. 224.

Não vem indicada a edição; a que possuímos é a 12ª ed., datada de 1920, inteiramente revista e corrigida por Leo Weise. A pequenina composição anônima aparece, em nossa edição, na mesma página indicada pelo comentador, sem nenhuma alteração textual. O mesmo Bartsch a havia já publicado em obra anterior, intitulada *Altfranzösische Romanzen und Pastourellen*, Leipzig, F.C.W. Vogel, 1870, página 209, cuja lição difere em alguns pontos, sem repercussão em eventual comentário e no desenvolvimento da história; mas integra uma peça maior a que Bartsch denominou *Li lais de la pastorele*.

O ensejo da elaboração do presente comentário nasceu de circunstância fortuita. O Prof. Sousa assistia às aulas de Filologia Românica ministradas por Jean Bourciez (filho de Édouard Bourciez, autor dos excelentes *Éléments de Linguistique Romane*), professor da Faculdade de Letras da Universidade de Montpellier que, com Georges Millardet, da Sorbona, Jacques Perret e outros, veio ao Rio de Janeiro, em 1937, dar curso na recém-fundada Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal. No *Prefácio* à 1ª edição dos *Princípios de Lingüística Geral* do saudoso Joaquim Mattoso Câmara Jr.

(Rio de Janeiro, F. Brigueit, 1942), assinalava que conhecera o nosso linguísta ao acompanharem juntos o curso de Filologia Românica a cargo de Georges Millardet, em que Mattoso estava na condição de “ouvinte inscrito” e ele “como simples curioso que aproveitava a oportunidade de assistir às lições do grande mestre francês”.

Nestas condições, estava também o Prof. Sousa, com certeza, nas aulas de Jean Bourciez. Tendo este mestre sido convidado a visitar São Paulo, coube ao nosso homenageado dar três aulas de Filologia Românica para suprir-lhe a ausência. Dessas três aulas resultou o comentário a um texto do francês antigo, composto na mesma linha em que os professores franceses os realizavam em seus cursos, já que segue o tradicional modelo usado nas atividades docentes deste gênero, onde prevalecem as notas de caráter fonológico e morfológico, com algumas digressões semânticas, especialmente no que se refere a mudanças de significado ocorridas através do tempo. A brevidade das notas, como simples auxiliar da aula, era, sem dúvida, enriquecida e complementada pela natural digressão oral – que os ouvintes iam registrando em seus apontamentos, mas que, infelizmente, não aparece no texto final, como sói acontecer nesses casos.

Escolhido o texto a ser comentado, com toda a certeza debaixo da supervisão de Bourciez, foi preparado em manuscrito e depois datilografado, merecendo este último ainda um ou outro acréscimo, com a lembrança de exemplário extraído de outras obras literárias, que não foram incorporadas à redação definitiva datilografada.

Preparado assim o comentário, foi entregue ao Prof. Jesus para que o publicasse em ocasião oportuna. No texto datilografado, por vontade do seu autor, foi eliminada a informação exarada no manuscrito, em nota de rodapé: “*Durante a visita do Professor J. Bourciez a S. Paulo, dei três lições de Filologia Românica em seu lugar. Reúno-as no presente trabalho em homenagem ao ilustre romanista*”.

Também não passou para o texto datilografado o título que rezava no manuscrito: “*Explicação de um texto de francês arcaico / no curso de Filologia Românica / Ao Prof. J. Bourciez*”.

O autógrafo e a cópia datilografada não estão datados; todavia, é fácil concluir que estes comentários foram redigidos em 1937. Por outro lado, prometidas 24 notas ao texto francês, elas ficaram na 21^a, relativa a *mais*, apenas aflorada, tanto no autógrafo quanto na parte datilográfica, o que talvez tivesse constituído o motivo de não ter sido até hoje publicado o comentário.

Acreditamos que a iniciativa de trazer à luz este inédito de Sousa da Silveira, sobre ser uma homenagem de respeito e admiração ao professor e

investigador exemplar, prestará bom serviço a professores e alunos interessados nesse gênero de estudos. Excedemo-nos na apresentação deste inédito porque julgamos que ele resgata um pouco da história da Filologia Românica no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, história que está por ser levantada.

Por fim, ousamos acrescentar à lição as três notas finais prometidas no comentário, completar a 21ª sobre *mais* apenas, como dissemos, aflorada no autógrafo e na parte datilográfica, além de uma tradução livre do texto francês, já adiantada nas notas do Prof. Sousa. Aliás, nesses casos, a tradução livre se impõe pela própria textura dessas composições, sobre as quais disse bem Léon Clédat: “(...) sont ainsi des épisodes très simples d’histoires d’amours, racontés en quelques scènes sobrement traitées” (*La Poésie Lyrique et Satirique au Moyen Age*, Paris, s/d).

Passemos ao texto inédito tal como aparece na cópia datilografada:

Explicação de um texto de francês arcaico

Texto:

BELE¹ AELIS² PAR MATIN³ SE LEVA,⁴
 EN UN PRE⁵ JÜER⁶ ALA,⁷
 PAR DEPORT⁸ ET PAR DOUÇOUR.⁹
 LORS¹⁰ LI MENBRE¹¹ D’UNE AMOUR¹²
 5- K’ENPRISE A,¹³ SI GRANT PIECH’A.¹⁴
 EN SOUSPIRANT S’ESCRIA:¹⁵
 “DIEUS, CON VIF¹⁶ A GRANT DOULOUR,¹⁷
 QANT ON ME BAT¹⁸ NUIT ET JOUR¹⁹
 POUR CELI QUI MON CUER A!²⁰
 10- MAIS²¹ QUANT PLUS ME BATERA
 MA MERE,²² PLUS ME FERA²³
 PENSER FOLOUR.^{24”}

(*Apud*, Karl Bartsch, *Chrestomathie de l’Ancien Français*, Leipzig, 1927, pág. 224)

①

C. V. L. (Covier) Bartisch

um texto de

Uma Explicação de francês arcaico.

no curso de

Filologia Românica

Ao Prof. J. Bourcier

Texto:

Beli¹ kelis² par matin³ se leva⁴,
 en ~~mon~~ un pre⁵ juer⁶ ala⁷,
 par deport⁸ et par doucour?
 lors¹⁰ li membre¹¹ d'une amour¹²
 5 le¹³ enprise a¹⁴, si grant piech¹⁵ a¹⁶
 en soupirant s¹⁷ escria¹⁸:
 "Dieus, con vif¹⁹ a grant doubour²⁰,
 gant on me bat²¹ nuit et jour²²
 pour celi qui mon cuer a.¹²⁰
 10 mais²³ quant plus me batera,
 ma mere²⁴ plus me fera²⁵
 penser folour²⁶"

celle
 36
 2
 10
 20
 30
 40
 50
 60
 70
 80
 90
 100

(Apud Karl Bartisch, Chrestomathie de l'Ancien Français, Leipzig, 1927, pag. 224)

~~Beli lat. bella. kelis, nois
 ti...
 l'and...
 trad...
 m...
 e...~~

(*) Devante a visita do Professor J. Bourcier a J. Paulo, foi feita
 licas de Filologia Românica em casa suya. Reimprimado no presente
 te trabalho em homenagem ao ilustre romanista.

Reprodução da 1ª página do autógrafo de Sousa da Silveira

Comentário:

- 1- *bele* < lat. *bēlla*.
- 2- *Aelis*, nome de mulher.
- 3- *par matin* < *per mat(u)tinu*. Significa “de manhã cedo”. Cf. *Roland*, 163: “Li Emperere est *par matin* levez”; na tradução de Léon Gautier: “L’Empereur se lève de grand matin”. A forma latina *matutinu* deu ao italiano *mattino*, no feminino *mattina*. Em português há *matinas* e em francês *matines*: “Messe e *matines* ad li Reis escultet.” (*Rol.*, 164).

Em provençal, *matin*: “Cel meiro·ls saintz en tal traïn/Con fa·l venaire·ls cervs *matin*”, isto é, “Ces gens causèrent aux saints même tourment que le chasseur aux cerfs, *de bon matin*.” (Hoepffner e Alfaric, *La Chanson de Sainte Foy*, 1926, verso 8).

O lat. *mane*, advérbio e substantivo neutro indeclinável, continuou no francês arcaico *main* ou *mains* (também advérbio e substantivo, porém masculino) e no italiano *mane*; em ambas as línguas aparece em compostos, fr. *demain* e it. *dimani* ou *domani*. Alguns exemplos de *main*:

“*Par main* en l’albe, si cum li jurz esclairet” (*Roland*, 667)
(Le matin à l’aube, sitôt que le jour point.)

“– Merci, sire, dist li vilains;
Je sui vostre homme et soir et *mains*,
Et serai tant con je vivrai,
Ne ja ne m’en repentirai.”

(*Le vilain mire*, apud Clédat, *Chrestom. du Moyen-Age*, Paris, Garnier Frères, s/d, pág. 231)

Do composto *demain* (< *de+mane*) fez-se o substantivo *endemain*, ‘o dia seguinte’:

“Quant il li ot presenteï, si dist au roy: “Sire, je venrai *demain* parler a vous de mes besoignes.” Quant ce vint l’*endemain*, li abbes revint”
(Joinville apud Clédat, *Chrest.*, 276)

“a l’*endemain*” (Froissart, apud Bartsch, pág. 275)

Mais tarde o artigo aglutinou-se ao antigo substantivo, dando em resultado *lendemain*, que hoje se faz preceder de novo artigo: *le lendemain*.

Outro composto de *main* era *aparmain*, ‘logo’, ‘em breve’.

Na península Ibérica o latim *mane* ficou no derivado **maneana*, donde provêm o português *manhã* e o espanhol *mañana*.

Temos, como se sabe, relacionados a *matutinu* os adjetivos *matutino* e *matinal*.

- 4- *se leva* (= se levantou). Latim *levare* > fr. *lever*.
- 5- *pre*. O neutro latino *pratum* (cf. o conhecido verso de Vergílio, *Buc.*, III, 111: “Claudite iam riuos, pueri, sat *prata* biberunt”) passou a masculino em latim vulgar: **pratus*. Daí, o caso sujeito *prez*, do nominativo *pratus*, e o caso regime *pret*, *pred*, *pre*, do acusativo *pratu(m)*. A forma *prez* corresponde também ao caso regime do plural, derivado do acusativo latino *pratos*.

Exemplo do regime singular:

“Li Emperere s’est culchiez en *pret*” (*Rol.*, 2496);

do regime plural:

“Pois, od les ewes lavat les *prez* de l’sanc” (*Rol.*, 1778).

Em português e espanhol *prado*, em italiano *prato*, em provençal *prada*. Outras línguas românicas têm representantes do latim *pratum*, o que pode ver-se no REW.

O francês *prairie* deriva-se de **prataria*, paroxítono.

- 6- *Jüer, jöer, jouer*. Do lat. **iocare*.
- 7- *ala*. O verbo *aler, aller*, prende-se a **alare*, de origem incerta. Alguns o tiram de “*ambulare*”.
- 8- *deport* e *desport*. É a palavra francesa que vai dar, por aférese, o inglês *sport*, o qual regressará ao francês como anglicismo. Para mais informações, v. Bonnaffé, *Dictionnaire Étymologique et Historique des Anglicismes*, Paris, 1920. *Par deport* = par passe-temps, zum Zeitvertreib (Bartsch).
Outra palavra francesa *tonnel, tonnelle* (mod. *tonneau*) foi para a Inglaterra e de lá voltou como anglicismo com a forma *tunnel*. Quanto a vocábulos que saem de uma língua para outra e tornam à primeira alterados na forma e no sentido, cf. o português *feitiço*, que deu em francês *fétiche*, donde temos *fetiche* e o seu derivado *fetichismo*. – Note-se que em português antigo havia *desporto* e *deporte* com o sentido de ‘divertimento’, ‘desenfadado’. V. Morais, *Dic.*, 1813. O italiano tem *diporto* com o mesmo significado.
- 9- *douçour*. Diz o *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française* de Oscar Bloch, I, 1932, s.v. *doux*: “*Douceur*, XII^e siècle, continue le latin de basse époque *dulcor*, avec refecction d’après *doux*”.
- 10- *lors, alors* < *ad+illa+hora+s* adverbial. Significa ‘então’.
- 11- *li membre*: ‘lhe lembra’.

Para o dativo feminino *li* aponta-se como étimo, de preferência ao latim clássico *illi*, o popular **illaei*, **illei*, que se costuma confrontar com o

provençal *liei* e o italiano *lei*.

O verbo *membrer* provém do latim *memorare*. Aparece, seja na forma simples, seja na composta *remembrer*, com bastante freqüência. Há também o substantivo *remembrance*, digno de nota. Exemplos:

“Envers Jesum sos olz toned,
si piament lui appelled:
de me t *membres* per ta mercet,
cu tu vendras, Crist, en ton ren.”

(*La Passion du Christ*, apud Koschwitz, *Les Plus Anciens Monuments de la Langue Française Publiés pour les Cours Universitaires, Textes Critiques et Glossaire*, Leipzig, 1920, pág.24)

“De plusurs choses à *remembrer* li prist” (*Rol.*, 2377).

“Repairet lui vigur e *remembrance*.” (*Rol.*, 3614).

“Hé! Gens d’armes, aiez en *remembrance*
Vostre pére,

(Eustache Deschamps, apud Clédad, *Chrestomathie du Moyen-Age*, Garnier, s/d, pág. 364).

O latim *memorare* perde o *o* antetônico e reduz-se a *mem’rare*. É sabido que o grupo *m’r* recebe um *b* epentético, isto é, *m’r* > *mbr*. De sorte que aquele verbo latino vai distribuir-se assim pelo domínio românico:

ital. *membrare*
prov. *membrar* > *nembrar*
franc. *membre*
esp. *membrar*
port. **membrar* > *nembrar* > *lembrar*

Para o italiano, v. o *Dicionário* de Petrocchi; para o provençal, v. Anglade, *Grammaire de l’Ancien Provençal*, 1921, pág. 200. No espanhol *membrar* aparece ainda em Cervantes: “Plégaos, señora, de *membraros* deste vuestro sujeto corazón, que tantas cuitas por vuestro amor padece.” (*D. Quixote*, ed. de Marín, I, pág. 72). – “Señor caballero, *miembresele* á la vuestra merced el don que me tiene prometido.” (*Ibid.*, III, pág. 107).

Quanto ao português, não se conhece texto em que apareça a forma *membrar*, mas o étimo latino e o testemunho românico obrigam-nos a admiti-la como hipotética. Dela se passa para *nembrar* por dissimilação do primeiro *m*: *m* *m* > *n* *m*, como sucedeu ao substantivo *membro*, que passou a *nembro*:

“A estadura do seu corpo era meã e bem composta de seus *nembros*.”
(Apud Dr. Leite de Vasconcelos, *Textos Arcaicos*, 3ª ed., pág. 60)

“Estando em êste aficamento qual ouvidos, os *nembros* com que haviam de ferir lhis enfraqueciam assí que os nom podiam reger senom mui gravemente.” (*Apud* Nunes, *Crest. Arc.*, 2ª ed., pág. 49).

Exemplos de *nembrar*:

“Mas ela diss’enton: – Santa Maria, de mi non te dol,
neno teu Filho de mi non se *nembra*, como fazer sol!”

(D. Afonso o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, ed. de Rodrigues Lapa, 1933, pág. 10)

“Que soïdade de mha senhor hei,
quando me *nembra* d’ela qual a vi
e que me *nembra* que bem a of
falar,

(D. Denis, *apud* Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, 2ª ed., pág. 350).

A forma atual *lembrar* provém de *nembrar*, graças à dissimilação de *n ... m* em *l ... m*, fenômeno que não é nada raro. Vejam-se, por exemplo, as seguintes palavras:

lat. <i>anima</i>	– port. e esp. <i>alma</i>
<i>astronomia</i>	– port. e prov. <i>astrolomia</i>
lat. <i>Hieronymus</i>	– ital. <i>Girolamo</i>

12- *d’une amour*. Há várias coisas que notar:

a) o *de* tem valor restritivo; significa “a respeito de”;

b) *amour* na idade-média era feminino, mesmo no singular;

c) *amour* devia chegar a *ameur* por provir do latim *amōre* (cf. lat. *dolōre*, fr. mod. *douleur*); mas só aparece com a forma normal em francês antigo, e ainda assim muito raramente, e não a tem absolutamente no moderno. Atribui-se essa interrupção na evolução do vocábulo ou à influência de *amoureux* (em que o *o* longo latino por ser átono dá regularmente *ou* em francês), ou à ação do provençal. (V. Bourciez, *Phonétique Française*, 1921, pág. 97).

d) a sintaxe *li membre d’une amour*, literalmente “lhe lembra a respeito de um amor” tem alguma analogia com a da cantiga de D. Denis, citada supra: “quando me *nembra* d’ela qual a vi”. Ainda hoje dizemos, e alguns até escrevem, *não me lembra dele*: sobrevivência da velha sintaxe ou cruzamento da construção impessoal “não me lembra” com a pronominal “não me lembro de”.

13- *k’enprise a*: ‘que tomou’. O *k’* = *qu’*, pronome relativo, com elisão do *e* final; *enprise*, particípio passado, na forma feminina, do verbo *emprendre*. Quanto à expressão *tomar amor(es)*, cf. G. Dias, *Primeiros Cantos*, 1846, pág. 180: “Nas asas breves do tempo / Um ano e outro passou, / E Lia

sempre formosa / Novos *amores tomou*”. Quanto à ordem das palavras e ao particípio forte, cf. o seguinte verso de D. Afonso o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, ed. de Rodrigues Lapa, pág. 60:

“alén do rio da vila, assí com’eu *aprês’ei*,
vertudes se descobriron,

A expressão *aprês’ei* equivale a “hei apreso”, “aprendi”, “soube”; *aprêso* é o particípio passado forte de *aprender*, cognato, pois, do francês *empris*, de *emprendre*.

- 14- *si grant piech’a*: ‘tão grande pedaço (de tempo) há’, ‘há tanto tempo’. Cf.: “estou à sua espera, há *pedaço*”.

si, adv. < lat. *sic*.

grant < lat. *grande*. Em conseqüência do desaparecimento do *e*, o *d* latino tornou-se final e reforçou-se em *t*, como é a regra: lat. *tarde* > fr. arc. *tart*, lat. *subinde* > fr. *souvent*, lat. *surdu* > fr. *sourt*. O francês moderno restabeleceu o *d* latino na maior parte de tais palavras. *Grant*, no caso regime, era uniforme para ambos os gêneros. A atual forma feminina *grande* é analógica. O *t* do antigo *grant* mantém-se na ligação do moderno *grand* (masculino), embora escrito *d*: *grand homme* pronunciado “grantôm”.

A velha forma feminina *grant* (com *t* final mudo antes de consoante) embora adulterada na ortografia, que lhe põe *d* em lugar de *t* e a presenteia com um apóstrofo descabido, como se tivesse havido supressão de um *e*, conserva-se em palavras como *grand’mère*, *grand’route*.

piech’a ou *pieç’a* equivale a “il y a une pièce de temps”. Também na língua portuguesa arcaica:

“ũa *grande peça do dia*
jouv’ali, que non falava,”

(D. Denis *apud* Nunes, *Cantigas d’Amigo*, II, 1926, pág. 3)

“Enton aquel bõo ome seve *gran peça* cuidando
de como viu este feito”.

(D. Afonso o Sábio, *Cant. de Sta. Maria*, ed. cit., pág. 66)

- 15- *souspirant* < lat. *suspirando* (gerúndio). Por desaparecimento da vogal final o *d* tornou-se final e passou regularmente a *t*, por estar depois de consoante. Cf. o que ficou dito a respeito de *grant*. Francês moderno *soupirant*.

s’escria. Composto de *crier* < *crider* < **quiritare*.

- 16- *Dieus*, com *vif*: ‘Deus, como vivo’.

Dieus < lat. *Deus*.

con < lat. *quomo(do)*.

vif < lat. *vivo*. Com queda do *o*, o segundo *v* tornou-se final e reforçou-se em *f*. Assim se conjugava o verbo *vivre* no presente do indicativo:

1 ^a	<i>vif</i>	<i>vivons</i>
2 ^a	<i>vis, vifs</i>	<i>vivez</i>
3 ^a	<i>vit</i>	<i>vivent</i>

17- *a grant doulour*: ‘com grande dor’.

a < lat. *ad*. Está indicando o sentimento com que alguém vive ou pratica um ato. Cf. *Roland*, 1787:

“L’olifant sunet à dulur e à peine.”

grant: v. supra, nº 14.

doulour (mod. *douleur*) < lat. *dolore*

18- *qant on me bat*: ‘quando me batem’.

qant < lat. *quando*. Desapareceu regularmente o elemento labial do grupo *kw*, e o *d*, tornado final em consequência da queda do *o* e estando depois de consoante, passou normalmente a *t*. A grafia moderna restabeleceu o *u* e o *d*, latinos: *quand*.

on < lat. *homo*. Do acusativo *homine* veio o arcaico *ome*, moderno *homme*. O *on* do nosso texto tem valor de indefinido, tanto que se refere, como se vê pelos versos 10 e 11, a uma mulher: a mãe de Aelis. Em português o substantivo *homem* também podia ser usado como indefinido, perdendo igualmente o seu significado primitivo e aplicando-se a mulher. No *Filodemo*, Camões põe as seguintes palavras na boca de uma mulher, Solina, que se fingiu agastada por ter de atravessar uma sala em que estava alguém:

“Sempre esta casa há-de estar
acompanhada de gente
que não possa *homem* passar”

(Pág. 56 dos *Autos* na ed. de Marques Braga)

E nos *Enfatriões*, pág. 10 da edição citada, diz também uma mulher, falando do modo como elas devem tratar certos pretendentes:

“porque o melhor destas danças
com uns vendiços assim
é trazê-los por aqui
ò cheiro das esperanças;
por viver
há-os *homem* de trazer
nos amores assi mornos

só pera ter que fazer,
e depois, ao remeter,
lançar-lhe a capa nos cornos.”

Em provençal *om* também pode ser pronome indefinido:

“Sa filla el fez tal quarniment
Q’*om* non deu far a sun parent:
Mort lo lor fez pausar all vent.”

(*La Chanson de Sainte Foy*, ed. de Hoepffner e Alfaric, tomo I,
126, pág. 329).

me < lat. *me*.

bat < lat. *batt(u)it*. Infinitivo *battre* < lat. *batt(u)ere*.

19- *nuit et jour*.

nuit < lat. *nocte*.

et < lat. *et*.

jour < *jor* < *jorn* < lat. *diurnu*.

O adjetivo *diurnu* dá ao francês *jour*, ao provençal *jorn*⁽¹⁾, ao italiano *giorno*.

O latim *dies*, passando a *dīes* ou *dīa*, perdura no português e espanhol *dia*, no italiano *di*, e teve como representante em francês antigo a forma *di*, que desapareceu, salvo em compostos como *midi* e os nomes dos dias da semana: *lundi* (Lun(ae)-die), *mardi* < arc. *marsdi* (Martis-die), *mercredi* (Merc(u)ri-die), *jeudi* < arc. *juesdi* (Iovis-die), *vendredi* (Ven(e)ris-die), *samedi* (*sabati-die), *dimanche* (die-dom̄in(i)ca).

O francês *di* aparece, por ex., nos juramentos de Estrasburgo: “d’ist *di* in avant”; vemo-lo na expressão *noit e di*, análoga à do texto; nos compostos arcaicos *oidi* < *hodie die* e *toudis* (todos os dias, sempre): “Nos te laudam et *noit e di*”. (*La Passion du Christ*, verso 305, pág. 24 de *Les Plus Anciens Monuments de la Langue Française*, por Eduard Koschwitz, Leipzig, 1920).

“mais nos a dreit per colpas granz
esmes *oidi* en cest ahanz.”

(*Passion du Christ*, vv. 291 e 292)

“baisiés, baisiés moi, amis,

toudis!” (Apud Bartsch, *Chrest.*, pág. 224)

(1) “Ja Deus nu · m laiss veder lo *jorn*
Q’ador Asclepi ne Satorn!”

(*La Chanson de Sainte Foy*, ed. cit., I, pág. 299)

No provençal também se encontra *dia*:

“Unqeg *dia* de la setmana
Diabls manbes la · us apana.”⁽²⁾
(*Chans. de S. Foy*, vv. 278 e 279)

“Queg *dia* · lz creman quains tizum.”⁽³⁾
(*Ibid.*, v. 572)

A expressão *noite e dia* (às vezes *dia e noite*) vem-nos desde a língua arcaica à de agora:

“porque metera seu siso
en a loar *noit’ e dia*.”
(D. Afonso, *Cant. de Sta. Maria*, pág. 4)

“Ca tu *noit’ e dia*
senpr’estás rogando
teu Filh’, ai, Maria!”
(G. Dias, *Cantos*. Leipzig, 1865, II, 180)

“Quando um objeto amado,
Quando um lugar distante,
Noite e dia,
Nos enluta e apouqenta a fantasia.”
(Id., *ibid.*, I, 194)

20- *pour celi qui mon cuer al!*: ‘por causa daquele que tem o meu coração!’

pour < lat. *pro*, sob influência de *per*.

celi: caso regime do pronome (*i*)*cil* < *ecce* + *illi* por *ecce* + *ille*).

qui lat. *quī*.

mon (átono) < *meon* < *meum*.

cuer < lat. *cōr*.

a < lat. *habet*.

21- *mais* lat. *magis*.

A conjunção adversativa portuguesa teve também a forma “mais” na língua arcaica:

“Queixei-m’eu destes

**

(2) “Chaque jour de la semaine / Le diable incessamment vous apanage là.” (Tradução de Alfarc).

(3) “Chaque jour, comme des tisons, ils les brûlent.” (Alfarc).

[Adendo]

- 21- *mais*: ‘mas’. Do latim *magis* com síncope do *g* intervocálico. Para suprir várias das conjunções latinas desaparecidas na passagem para o românico, este, entre outros recursos, passou a empregar como conjunção antigos advérbios, como foi este caso do advérbio *magis*.
- 22- *mere*: ‘mãe’. O latim *matrem* para chegar ao francês *mere* (hoje grafado *mère*) apresenta as seguintes evoluções: a) o *a* tônico em sílaba tônica aberta diante de consoante oral passa a *e* aberto: *matre* → *medre* (em sílaba fechada ou travada mantém-se: *parte* → *part*); o *t* integrante de grupo consonantal intervocálico sonoriza-se (*medre*) e acaba por desaparecer (*mere*).
- 23- *fera*: ‘fará’. As formas de futuro em românico partem de um infinitivo reduzido do latim vulgar: *fare* (por *facēre*) a que se juntam as formas do presente do indicativo de *habēre*, por processo de fonética sintática. Daí *fara* (*fare* + *a*) evoluirá normalmente a *fera*, pela passagem de *a* tônico em sílaba livre ou aberta a *e* aberto, que vimos em *matre* → *medre* > *mere* (*mère*).
- 24- *folour* (também escrito *folor*); ‘loucura’, ‘imprudência louca’. Trata-se de substantivo feminino derivado de *fol* (também *fou*). O substantivo *fol* procede do latim *follis* que significava ‘fole ou saco para encher de ar’. Por uma metáfora já concretizada no latim, passou a denotar o ‘doido’, o ‘tolo’ (por ter, com certeza, a cabeça cheia de vento (cf. nossa expressão *cabeça de vento*). O português arcaico também conheceu, como o espanhol, e foi muito usado pelos trovadores galego-portugueses; pela constituição fonética do vocábulo em português e a falta de ditongação no representante espanhol *fol*, chega-se à conclusão, com Corominas, de que se trata de empréstimo ao galo-românico. Como ensina Alain Rey (*Dictionnaire Historique de la Langue Française*, tomo I, 1994, s.v.), é só no século XX que, em francês, *fou* e *folie* desaparecem do vocabulário técnico da medicina, substituídos, nos casos específicos, por *dément*, *malade mental* e *psychotique*.

Tradução livre

De manhã cedo a bela Aelis se levantou e foi ao prado brincar, para docemente espairecer. Então lhe vem à memória um amor que a tomou faz já tanto tempo. E, suspirando, exclama:

“Deus, como vivo com grande dor quando alguém (a mãe) me maltrata noite e dia, por causa daquele que tem o meu coração! Mas, quanto mais me maltratar minha mãe, mais me fará pensar nesta minha louca paixão.”
